



IMAGEM E SEMELHANÇA

Carlos
Orsi
Martinho

Título: Imagem e Semelhança

Autor: Carlos Orsi Martinho

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: José Saraiva

Publicado originalmente em: Somnium nº 75 (2000) - CLFC (Brasil),
sob o título de “Genesis”

Outras publicações:
E-nigma Light, 2002

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição nº: NE-10/2004

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

Prólogo

O elevador pára. Sem tirar os olhos da janela estreita, você aperta o botão do relógio digital e ouve o “bip” do cronômetro. Só então baixa a cabeça e confere o mostrador: o tempo exato, até à primeira casa decimal.

Tem que ser neste andar.

Você se lembra de uma semana atrás, quando imaginou ter ouvido a mistura de sons — um estampido, como uma porta batendo, junto com algo que talvez fosse um grito de mulher — enquanto descia de seu apartamento, no décimo-terceiro andar. Você cantarolava uma canção popular para as paredes nuas do elevador, e se lembra do ponto exato da letra em que estava quando ouviu os sons.

Você se lembra da mulher morta, o cadáver irreconhecível em tudo, menos no sexo, encontrado na caçamba de lixo do lado de fora da garagem, no dia seguinte.

Morta com um tiro.

Ou teria sido uma porta batendo?

O elevador abre.

Você desembarca no espaço minúsculo do saguão. A porta do apartamento está aberta — você não contava com isso. A escuridão do outro lado, emoldurada pelos batentes de madeira vermelha, parece quase uma coisa sólida, uma barreira física mais eloqüente até do que seria a própria porta... isto é, se estivesse fechada.

Os elevadores deste prédio não têm monitor de andar pelo lado de dentro. Só dá para saber em que andar se está quando as portas se abrem. Ou então cronometrar as viagens, deduzir quanto tempo se gasta entre um andar e outro, e multiplicar...

Pelo tempo que se leva para cantarolar uma certa música, por exemplo.

Mas gente nunca leva o mesmo tempo para cantar a mesma música duas vezes,

não é? Não exatamente...

Seus pensamentos começam a ficar confusos, e você luta contra isso. Luta contra a idéia de que a escuridão do outro lado é uma coisa cristalina, brilhante, como um espelho de obsidiana; contra a impressão de que, se você olhar de esguelha para o vão da porta, se virar bem a cabeça e olhar apenas com o canto dos olhos, vai captar, num lampejo, a própria imagem, refletida em negativo.

O que estou fazendo aqui, meu Deus?

Você sente como se alguma coisa amorfa, alguma coisa feita de gelo, lava e espinhos, algo afiado e impiedoso, estivesse se mexendo, tendo espasmos, em suas entranhas. A versão titânica, avassaladora, de um *friozinho na barriga*. Sua boca está seca, há bile na garganta e você tenta, sem sucesso, manter pelo menos os lábios úmidos.

E se não for aqui?

Você confere de novo o relógio, a leitura do cronômetro ainda congelada na tela cinzenta de cristal líquido. O andar *tem* que ser este. É a única coisa que faz sentido. Isto é, se é que o elevador faz mesmo um andar a cada dois segundos... Se é que o fosso do elevador não distorce os sons; se é que vozes e ruídos não são como fantasmas, deslizando para cima e para baixo pelo túnel escuro, ressoando pelos cabos, morrendo nos contrapesos.

Você morde o lábio, partindo a pele seca e rachada. É *claro* que a cronometragem está certa. Você sabe muito bem disso, já que passou a última *semana* conferindo tudo. Então...?

É a porta. Você não esperava, não contava, não *queria* encontrar a porta aberta. Porque, afinal, uma porta aberta é como algo que diz...

— Entra, porra — fala uma voz que vem da escuridão além dos batentes vermelhos, uma voz masculina, grave, sussurrada e quebradiça, como o som de passos pesados sobre um campo de folhas secas. — Alguém tinha que vir. Afinal, era o único jeito... Eles *têm* que ter alguém. Já entrou? Ótimo. Não, não. Deixa a luz apagada. Tem uma cadeira logo aí à direita. É só tatear um pouco... Ah! Achou? Bom. Agora, sente-se. Sente, eu disse!

Você obedece. Por um instante, algo metálico parece brilhar em um ponto pró-

ximo, talvez às costas, da fonte da voz — o homem deve estar armado, você pensa, ao mesmo tempo em que sufoca a vontade de sair, de correr, ao mesmo tempo em que se culpa pelo próprio medo, em que se envergonha da própria obediência.

A cadeira em que você está finalmente se acomoda e pára de ranger. Então, sem qualquer aviso, o homem começa a falar...

I.

Imitações baratas (*ele diz. Você escuta, como que hipnotizado*). É o que todos nós, homens, mulheres, eu, você, a espécie humana, somos: imitações, fraudes, falsificações patéticas. Copos e xícaras de plástico, vidro e gesso, sofrendo, *morrendo* porque nos falta a substância mais pura, bela e verdadeira, o cristal, a porcelana. E a maioria das pessoas é tão idiota que acha que a frase da Bíblia, “criado à imagem e semelhança de Deus”, é algo de bom, algo para se ter orgulho. Imbecis, entenderam tudo ao contrário.

Mas não eu. Oh, eu não, de jeito nenhum. “À imagem e semelhança de Deus” foi algo que sempre me incomodou, me diminuiu, me agrediu. Sempre. Quando eu era adolescente, lembro bem, tinha um gato na vizinhança onde minha família morava. O gato era preto, de peito branco. Vivia na rua. Imagino que ele deve ter sofrido alguma coisa, um derrame, talvez, porque a partir de um certo dia começamos a ver que o bicho não conseguia mais fechar o olho direito. De jeito nenhum. Até dormir ele dormia com o olho aberto. Uma cena bem desconcertante.

E daí? Acontece que, certa vez, eu estava olhando o gato. Percebi que algo devia estar acontecendo, porque ele foi ficando inquieto, parecia trêmulo e indeciso, volta e meia erguia uma das patas dianteiras no ar, garras estendidas, tremia um pouco, golpeava o ar uma, duas vezes, baixava a pata de novo.

E então, de repente, o olho direito, grande e verde, estourou, *rebentou* como uma fruta podre. O cheiro era parecido com o que você deve estar sentindo agora, e o som, o *miado*, eu sou incapaz de descrever. Numa espécie de acesso, ou espasmo, o gato começou a atacar o que tinha sobrado dentro da órbita com as próprias garras, a rasgar a própria pele, enfiando as unhas em si mesmo. Nessa hora ele já devia estar louco de vez, porque li em algum lugar que os gatos normais retraem as garras, au-

tomaticamente, quando se tocam a si mesmos.

Do buraco que ficou na cara dele escorria pus, sangue e um monte de larvas brancas, uns vermezinhas lustrosos, meio amarelados e translúcidos. Imagino que algum inseto, um borrachudo ou uma varejeira, tenha usado o olho, sempre úmido, quente e aberto, para pôr ovos. Provavelmente dias antes, enquanto o gato dormia. Quem sabe?

O fato é que fiquei olhando para as larvas que se retorciam dentro da órbita do gato, e ouvindo os gritos do animal, e pensei que, porra, Deus tinha usado mais talento, criatividade e imaginação para fazer *aquilo* do que para *me* fazer. As larvas, o desespero do animal, eram uma *obra*; eu era algo feito “à imagem e semelhança” do artista. Tão adimensional quanto um auto-retrato.

Naquele dia decidi que não aceitaria mais isso. Que iria fazer algo a respeito.

II.

Tendo decidido não ser mais um simulacro, uma cópia de segunda categoria, me vi diante de duas alternativas: ou eu me igualava ao original — deixando se ser uma cópia mal resolvida para me tornar uma verdadeira réplica fiel — ou seguia o caminho oposto: tratava de me afastar ao máximo da matriz, de desfigurar a criação, de escapar da esfera do Criador. A primeira alternativa me pareceu, na época, pouco viável. Fiquei, portanto, com a segunda.

Imagino que um espírito menos sofisticado teria se contentado com uma série de alterações cosméticas — tatuagens, “piercings”, cirurgias, cicatrizes, mudança de sexo, amputações. Eu, não. Oh, não. Eu sabia que para deixar de vez o rol das imitações baratas, dos fac-símiles, das xícaras de gesso, das bijuterias de plástico, seria preciso me excluir de vez da espécie humana. Não se tratava de mudar o corpo, portanto, mas de transformar, transcender, *desfigurar* a alma. Como fazer isso?

Falei em cirurgias. Enquanto pesquisava, ouvi falar de algo, sugerido por um médico italiano, um certo doutor G. W. Luppi — uma operação que desconecta as funções superiores do cérebro, circunscrevendo a capacidade mental do paciente aos limites da de um animal; uma operação capaz de fazer o homem esquecer-se de si mesmo, parar de lembrar, de sofrer e de sentir tudo que estiver para além das funções mínimas da mente: fome, frio, sede, sono e pouco mais. Um suicídio da consciência.

A idéia quase me seduziu, mas depois descobri que se tratava apenas de mera especulação entre cientistas, sem nenhuma viabilidade para o presente.

Busquei, então, outras fontes e possibilidades. Veja, por exemplo, as palavras *desumano*, *inumano*, ou, mesmo, *anti-humano* no dicionário. *Qualquer* dicionário. O número de sinônimos pode variar, mas todos se resumem a, basicamente, duas acepções: *animalesco* ou *cruel*.

Mas seria isso mesmo? Uma pessoa pode ser animalesca e cruel e, ainda assim, continuar a ser uma *pessoa*. Fiz experiências neste sentido — não, você *não* quer saber que experiências, eu lhe garanto — e obtive sucesso em meus objetivos imediatos, isto é, algumas vidas e mentes realmente se perderam, outras tantas, claro, se destruíram.

Foi instrutivo, de certa forma. Mas o fato é que em momento algum me senti *menos* humano.

Passei a considerar o extremo oposto: a mansidão, a paciência, a santidade. Ainda assim, ponderei, um santo é um “holy man”, um *homem* santo. Foi aí que tive o que considero, ainda hoje, uma inspiração única: e se eu praticasse ambos extremos *simultaneamente*? A metáfora dos dois raios de luz cruzando-se em interferência destrutiva, produzindo escuridão, fixou-se em minha mente. Eu *tinha* que testar a idéia; na verdade, podia quase saboreá-la, como se fosse uma carne excepcionalmente macia, levemente picante, dissolvendo-se na boca.

Durante três dias e três noites jejei e orei. Mortifiquei-me, em sinal de humildade e penitência. Todo o dinheiro que teria usado para me alimentar no período, e cinco vezes mais, gastei-o comprando gêneros que seriam doados a um projeto de caridade que alimenta famílias sem-teto e outros desvalidos.

Ao mesmo tempo, cuidei para que parte desses gêneros — não todos, *apenas* uma parcela — fosse envenenada. E não com uma substância qualquer, claro, mas com alguma coisa que produzisse agonia intensa e morte inevitável. Com minhas experiências anteriores eu havia ganho algum conhecimento na área, e pude fazer uma boa escolha. Também cuidei para que as porções envenenadas fossem distribuídas de forma absolutamente aleatória. Assim, na casualidade — improvável — de alguma das mortes me trazer lucro ou satisfação pessoal (vingança, por exemplo), tal fato seria responsabilidade única e exclusiva do mais puro acaso.

Embora a idéia tenha sido boa (orgulho-me dela até hoje), os resultados foram, infelizmente, menos do que satisfatórios. O choque de emoções que eu esperava, o cataclisma resultante do impacto das ondas de culpa e beatitude, desprendimento e crueldade, vida e morte, o vórtice espiritual que, era esta a esperança, iria desenraizar minha alma, causar o colapso de tudo que havia de humano em mim — não aconte-

ceu.

Oh, sim, *algo* aconteceu. Mas poderia ter sido uma indigestão leve; ou a dificuldade que tive para dormir quando, certa vez, tomei uma xícara de café expresso imediatamente antes de ir para a cama.

III.

Deformações do corpo e dos sentimentos, concluí, não iriam me levar até onde eu queria; restava-me, portanto, agir sobre o intelecto.

Em fases anteriores de minha busca eu já havia tido contato com certos textos tidos como *desumanos*, ou *desumanizantes*: os trabalhos de De Sade e D’Erlette, principalmente, algumas das *Súmulas* de Calígula e, o que me causou maior e melhor impressão, as *Memórias*, provavelmente apócrifas mas atribuídas a um certo Amadeus Bruschi, serviçal do papa Alexandre VI, nascido Rodrigo Bórgia, pai e provável amante da não menos infame Lucrecia.

Brusch, o possível autor do texto, tinha sido destacado para cuidar do *Infantum Romanum*, o “filho de Roma”, a misteriosa criança sem nome que teria nascido da ligação incestuosa do papa com a filha, e sobre a qual praticamente não há registros na história — exceto pelos fatos, documentados, de que nasceu do ventre de Lucrecia, foi reconhecida pelos Bórgias como da família e viveu por, pelo menos, cinco anos.

Os escritos atribuídos a Bruschi falam da perseguição movida ao *Infantum Romanum* por seitas e círculos satânicos, por irmandades de feiticeiras, alquimistas, loucos e charlatões. Afinal, num tempo em que se acreditava que a gordura de uma criança não-batizada poderia fazer uma bruxa voar, que poderes não estariam contidos no corpo do filho — *incestuoso* — do próprio papa?

Boa parte das *Memórias* apenas antecipa o que viria a se tornar lugar-comum na obra de De Sade e seus imitadores: orgias em conventos, freiras sibaríticas, falos de espinhos, aço, vidro, gelo e madeira, mulheres com lâminas ocultas nos orifícios mais insuspeitos. Mas havia algo mais — algo que vinha nas entrelinhas, um certo conhecimento implícito, a sugestão de possibilidades que ficavam muito além das vulgari-

dades contidas no texto. E a chave para tais possibilidades parecia se encontrar em ainda outros livros, citados de forma bem pouco explícita, às vezes por meio de abreviações obscuras, ao longo das *Memórias: o De Daemonialitate*, normalmente atribuído a um alquimista italiano do século XVII, mas escrito, por um autor desconhecido, quatrocentos anos antes; e o *Fuga Satannae*, impresso pela primeira vez em 1597, mas que já circulava, como manuscrito copiado e recopiado, pelo menos desde o primeiro século da Era Cristã.

Percorri a Europa e o Oriente em busca desses trabalhos, e de outros. Dinheiro não era problema. Na verdade, como qualquer político ou traficante de drogas poderá lhe dizer, dinheiro nunca é realmente um problema. Ao menos, não para quem está disposto a fazer o que quer que seja necessário para ganhá-lo.

Os incunábulo, se não destruíram a fagulha humana em mim, ao menos apontaram-me caminhos novos e surpreendentes.

Considere, por exemplo, o conceito de *tempo*; a idéia de que o passado é uno e imutável. Mas... será mesmo? Há passagens no *Fuga Satannae* onde o Inferno é comparado a um lugar que parece existir *fora* do tempo, um limbo aonde são levados “corpos sensíveis, não apenas formas essenciais; e exilados ficam, fora do fluxo do Devir e de todo Pensamento que cruza a Mente da Providência”. Quando li esse versículo, eu imediatamente soube que havia *algo* ali; ainda não exatamente *o quê*, mas me senti, sem sombra de dúvida, na pista certa.

Eu tinha uma cópia fotostática dessa página.

Foi em Portugal que fiz a descoberta. Foi lá que encontrei o livro que me seria verdadeiramente útil, páginas de linho e seda encadernadas entre duas placas de ébano com entalhes preenchidos por ouro e prata, um fecho de aço e um cadeado de bronze. A data exata da obra é desconhecida, mas com certeza não antecede ao século XVI; o trabalho não é citado em nenhuma bibliografia a que eu já tenha tido acesso, nem mesmo no *Index Librorum* do Vaticano ou nas Coleções Reservadas de Miskatonic, Buenos Aires ou do Museu Britânico. Chama-se *El Libro de Las Reglas de la Orden de Aragón*, ou “O Livro das Regras da Ordem de Aragão”. O título é capcioso: o leitor desavisado pode pensar que se trata de uma compilação de leis do reino de Aragão, um dos Estados medievais que deram origem à Espanha moderna.

Mas não se trata disso; de maneira alguma.

IV.

A segunda leitura do título também é capciosa: quem vê a expressão “*reglas de la orden*” pode imaginar que o livro contém regulações monásticas, como as “regras da ordem” de São Benedito ou de São Francisco. Bem, é quase isso. Mas a “Ordem de Aragão” era, ou é, algo mais — *muito* mais. Tratava-se, pelo que pude compreender, de uma ordem militar, como os Templários ou os Hospitalários. Mas sua missão... ah, sua missão...

“Garantir que Tróia arda em chamas; que Cristo pereça na Cruz; que venham abaixo as muralhas de Jericó; que o Sol nasça duas vezes sobre o próprio berço, com grande dano e pesar; e que os peregrinos brancos levem duas pequenas luas em oferenda à Deusa Hécate, depositando-as junto à face árida de Diana”.

Isso é apenas parte do texto; é um dos trechos de que me lembro de cor. Você vê? que “o Sol nasça duas vezes sobre o próprio berço”, e com “grande dano”, não lembra bastante a idéia de duas bombas atômicas sobre a Terra do Sol Nascente? A segunda referência é um pouco mais difícil de decodificar, mas não menos surpreendente: Diana era a deusa da Lua para os romanos; Hécate, a deusa-lua das bruxas medievais; e, porra, um dos astronautas que foram até a Lua, usando *trajes brancos*, levaram, e essa é ótima, *duas merdas de bolas de golfe!*

Em suma, o Livro das Regras da Ordem de Aragão, provavelmente um dos primeiros tomos impressos na Península Ibérica, contém conhecimento positivo sobre os séculos adiante. Mais provas? Em outro trecho fala-se da chegada de “mulheres em armadura às areias frias e vermelhas do Areópago”, e Areópago, claro, é o palácio do deus da Guerra, Marte. Um planeta coberto por areias vermelhas. Entende? O que mais seriam essas “mulheres em armadura”, se não mulheres-astronautas do futuro? Do *nosso* futuro?

Então, o que seria a Ordem de Aragão? Uma sociedade secreta que, em algum momento do passado, decidiu como a história deveria ser e, a partir daí, passou a guiar os passos da humanidade, como se diz dos Iluminados da Bavária e de certos ramos da maçonaria? Se fosse isso, eles não teriam informação sobre o futuro; teriam, apenas, projetos a realizar. Ou...

A alternativa me fez tremer: ou seriam viajantes do tempo.

V.

Viajantes do Tempo! Perdi duas noites de sono, duas noites passei acordado, olhando fixamente para o fogo que ardia na lareira de pedra antiga, no quarto da pousada em que me havia hospedado. Duas noites, tentando descobrir o que esse conceito poderia significar para mim, para meu projeto, para minhas angústias.

Pensando, pensando sem parar.

A primeira idéia que se cristalizou foi a do Início dos Tempos. O Big Bang. A Singularidade. E se fosse possível chegar até *ali*? E interferir? E...

Não. Meu problema não estava no Primeiro Dia da criação, mas um pouco mais adiante. Abandonei a idéia do Big Bang, e passei a me concentrar no início da vida. Pensei no charco primordial, na argila onde moléculas simples de carbono, nitrogênio e hidrogênio iriam, pela primeira vez...

E se *eu* estivesse lá?

E se eu *cagasse, mijasse, sangrasse* ou *cuspisse* ali? Bem *ali*, no lugar *exato*?

Então, toda vida na Terra teria surgido a partir de *mim*, não é? De meus átomos, minhas moléculas, meu DNA. E todos, dos porcos aos macacos, e o homem, e os vírus, existiriam à *minha imagem e semelhança*.

VI.

A meta passou a ser, portanto, obter o *Libro de las Reglas* para mim. Os monges do monastério onde eu encontrara a obra não me permitiriam ficar junto ao livro por tempo suficiente para copiar todas as passagens que me pareciam relevantes. E, mesmo se permitissem, eu sempre poderia cometer um engano, deixar de lado um capítulo ou versículo que, depois, viesse a se mostrar indispensável.

Além disso, por tudo que eu sabia, aquele era um exemplar único. Como já disse, a obra não é citada em qualquer bibliografia, não consta de catálogo algum. Bibliotecários de instituições que se orgulham de possuir tomos obscuros como o *Peri Ton Eibon* ou o *De Nomine Necorum*, assim como conhecidos teólogos e autoridades eclesiásticas, responderam a meus telefonemas e telegramas (feitos e enviados sob pseudônimo) com manifestações de perplexidade — para eles, tal livro (assim como a misteriosa *Orden de Aragón*) jamais teria existido! Porra, aposto que o Vaticano sequer se lembrava de que havia um monastério e uma biblioteca naquela parte de Portugal.

E, não obstante, os monges estavam lá. Vivendo em um torreão de pedra que data, pelo menos, da ocupação romana, erguido na periferia de um vilarejo português cheio de relíquias neolíticas; um amontoado de casebres que mal aparece nos mapas, uma gota de vida urbana em um oceano de dólmens, capim, ovelhas e porcos.

O porco, aliás, é o animal que mais se assemelha ao homem, mesmo admitindo o parentesco próximo que une a raça humana aos macacos. É em porcos que os cientistas pretendem cultivar corações, rins e fígados compatíveis para transplante; a pele do porco é a única outra, além da humana, que se bronzeia sob o sol.

E nenhum outro animal, além do porco e do homem, grita tanto ao ser degolado.

Isso quase pôs tudo a perder: não consegui passar um corte limpo e eficiente na garganta do primeiro monge, e ele teve tempo de gritar. Como gritava! Como um porco, roliço e rosado, morrendo, exangüe, mas urrando e berrando, urrando e berrando até o último instante. Nenhum respeito ao voto de silêncio.

Outros dois, que deviam estar nas proximidades, acorreram. Um deles derrubei com o arremesso certo de um banquinho de madeira maciça; o outro, vendo a situação, se voltou para correr e, provavelmente, buscar mais ajuda — mas consegui alcançá-lo em dois pulos, e desta vez a faca entrou direitinho entre a terceira costela e a quarta, perfurando o coração.

Tudo isso aconteceu numa pequena cela do monastério. O lugar, como já disse, é um torreão. No andar térreo ficam a capela, a cozinha e a área comum de refeições. A partir daí, uma escada em espiral sobe aos três outros andares. Em cada um deles há duas celas monásticas, ligadas entre si e à escada por um corredor. A biblioteca fica em um recesso da adega, no subsolo.

Havia seis celas, portanto, mas eu sabia que eram apenas cinco monges. Três tinham ido; faltavam dois.

Eu tinha planejado agir de acordo com o único curso lógico possível nas circunstâncias: matar todos os cinco, tentando fazer o mínimo de barulho possível (era por isso que tinha decidido não usar armas de fogo) e pegando-os todos dentro da torre, me apossar do livro e deixar a aldeia rapidamente, mas sem demonstrar pressa. Tinha imaginado que, com o tipo de vida que os cinco sacerdotes levavam, talvez se passassem semanas até que alguém notasse que estavam todos mortos.

Enquanto subia mais um lance de escada, em busca de minha quarta vítima, repassei o plano. Não acreditava que os gritos do primeiro monge tivessem comprometido o arranjo geral; eles dificilmente teriam ressoado para além das paredes de rocha da torre, o que o som de um tiro talvez fizesse. Os dois padres alertados tinham, apenas, corrido para a morte, me poupando o trabalho de encontrá-los. Sim, mesmo os imprevistos trabalhavam a meu favor.

Subir aquelas escadas era uma experiência e tanto — o edifício teria mais de mil anos e, mesmo em plena luz do dia, o interior se mantinha escuro. Raios de sol entravam por frestas na parede circular, que de tão estreitas não chegavam, realmente, a

ser janelas. Meros respiradouros, talvez seteiras.

Esses raios cortavam meu caminho, fazendo reluzir a poeira de rocha suspensa no ar. Cada vez que passava por um deles, emergia meio ofuscado no degrau acima. Talvez minha tarefa tivesse me deixado hipersensível, mas parecia haver uma diferença notável de temperatura, cheiro e umidade entre os trechos cortados pela luz e as sombras imediatamente ao redor.

Disse que cruzar os raios de sol me deixava ofuscado; depois de algum tempo, portanto, passei a atravessá-los com os olhos fechados. Preocupava-me que algum dos outros padres se aproveitasse da confusão momentânea, causada pela transição entre luz e sombra, para me atacar. Uma preocupação estúpida, é verdade, já que os dois sobreviventes provavelmente nem sabiam de minha presença no torreão. Mas, mesmo assim...

No final das contas, minha preocupação se mostrou desnecessária, um verdadeiro desperdício. Encontrei os últimos irmãos numa cela do terceiro andar. Não vou dizer o que faziam. Estavam, ambos, de costas para mim, e o segundo a morrer demorou demais para notar a verdadeira causa do último gemido e suspiro de seu companheiro.

Deixei a faca cravada na garganta do mais gordo, e desci para buscar o livro. Tinha levado uma muda de roupas comigo, numa valise, de forma que o jorro de sangue não me incomodava.

VII.

Como sou uma pessoa cuidadosa, assim que cheguei a Paris tratei de autenticar o volume. Enviei amostras a laboratórios e especialistas, e minha intuição inicial se confirmou: o trabalho tinha sido impresso ainda no século XVI. No processo de coletar amostras, descobri um detalhe curioso... uma data, rabiscada em tinta já bem desvanecida, quase ilegível, no rodapé de uma das últimas páginas. *VIII, Roma, 12 octobre 1582*, dizia.

Uma vez obtida a autenticação, mergulhei fundo no texto. Escrito em uma mistura de latim bastardo, castelhano primitivo e um português certamente pré-camônico, o conteúdo da obra era um verdadeiro labirinto de alusões, charadas e simbolismos que transcendiam, em muito, o jargão místico-alquímico a que eu me habituara enquanto lia alfarrábios como *Philosophiae Chymicae*, ou o *Turba Philosophorum*. Havia trechos realmente codificados no corpo do texto, e para lidar com eles tive de procurar tratados sobre a criptografia da época, como o *Traité des Chiffres*, que por sorte encontrei na Bibliothèque Nationale.

Acho que eu deveria dizer que a paisagem que o *Libro de las Reglas* descortinou diante de mim desafia qualquer tentativa de descrição. A frase seria verdadeira, e ainda assim insuficiente para dar conta de *toda* a verdade. Você provavelmente imagina o tempo como uma grandeza unidimensional, certo? Um segundo, um minuto, ambos têm um certo *comprimento*, isto é, uma duração. E se eu lhe dissesse que, além de comprimento, cada segundo de nossas vidas tem também uma *largura*, e uma *profundidade*?

Há menos de dez anos, nem mesmo a matemática mais moderna seria capaz de expressar esse tipo de conceito. Mas idéias assim existem há séculos (ou talvez tenham sido criadas no futuro, e depois *exportadas*), como está patente na decoração

de velhas igrejas, nas quadraturas do zodíaco, nos ângulos do octógono que envolve a pia batismal, nas quatro faces da pirâmide, nos sete dias do Gênese. Só o que se exige para que alguém possa absorvê-las, depreendê-las e desfrutá-las é que esse alguém saiba *ler*. E o *Libro de Las Reglas*, uma vez decifrado, é a gramática completa, o perfeito guia de leitura.

VIII.

Ninguém mais diz que o tempo flui como um rio. A imagem é velha, batida, tem o cheiro desagradável de coisa gasta, suada, de lugar-comum. Imagino se a ação secreta dos irmãos e irmãs, cavaleiros e amazonas da Ordem de Aragão, não teria algo a ver com o desaparecimento dessa figura de linguagem antes tão familiar — e só Deus sabe de *quanta coisa* eles são capazes. Porque, veja, o tempo *realmente* flui como um rio. Não se trata de uma metáfora, mas de uma descrição bastante objetiva.

Mais ainda: existem sentidos, comuns a todos os seres mas estranhamente adormecidos no homem, que permitem *acompanhar* o fluxo, estudá-lo, descrevê-lo. Permitem encontrar os trechos de corrente mais rápida ou lenta, detectar pontos de maior ou menor profundidade, pressentir cachoeiras, penhascos, contracorrentes, redemoinhos. Foi com esses sentidos reavivados, graças ao estudo minucioso do *Libro de las Reglas*, que retornei ao Brasil.

E foi usando esse velho-novo senso para *ler* — ler como nunca havia lido antes, decifrando o que está escrito na arquitetura, o que é proclamado na topografia, as sílabas ocultas no movimento das estrelas, as frases desenhadas no traçado das ruas, o discurso fluido do formato, da disposição e da velocidade das nuvens no céu — que encontrei a garota. Se bem que, quando a vi pela primeira vez, já era uma senhora de certa idade.

Ela vivia neste mesmo prédio. Neste mesmo apartamento, aliás.

O que *fiz* com ela? Ora, você sabe. Matei-a e larguei o cadáver aqui mesmo. É por causa dela que você está aqui, certo? Ou, ao menos, é o que você pensa.

Foi fácil demais, por falar nisso. Eu devia ter imaginado — desconfiado. Afinal, se era capaz de sentir a verdadeira natureza *dela*, é inacreditável que *ela*, uma irmã,

uma amazona da *Orden de Aragón*, não soubesse o que *eu* era.

Portanto, devia ter desconfiado, não?

Merda, mas eu estava prestes a recriar a espécie humana à minha imagem e semelhança. A idéia me intoxicava! Eu realmente gostaria de voltar atrás e desfazer tudo, mas é claro que *eles* não deixariam.

O nome era Luciana.

Fiz tocaia na frente do prédio durante uma semana; não, uma semana e meia. Às vezes saía a velha senhora, às vezes a garota. Mas isso não me enganou nem por um instante. Os sinais eram claros, principalmente a curva hiperbólica que o vento traçava na copa da terceira árvore à direita, neste mesmo quarteirão (você pode vê-la pela janela), e o brilho nos olhos dos gatos, pretos e rajados, da casa em frente: eram ambas a mesma pessoa. Esta época e este lugar deviam ser uma espécie de base para ela, uma encruzilhada entre uma missão e outra. Aposto que o pessoal do prédio pensava *nela* como mãe e filha.

Mas, como já disse, foi fácil. Realmente simples: certa noite segui-a até um restaurante alemão. Mas ela não foi até as mesas: ficou pelo bar, tomando golinhos de uma tulipa de chope escuro. Era o ego jovem. Parecia um pouco abatida; talvez soubesse o que estava por acontecer — não, sem “talvez”. Tenho certeza de que sabia.

Me limitei a entrar lá e sentar ao lado dela.

— Oi — eu disse, sorrindo.

A garota olhou para mim. Havia tédio em seus olhos, sim senhor.

Saco cheio.

Na hora, imaginei que estivesse cansada de ser abordada por homens desinteressantes; agora, suponho que o enfado se devesse a alguma outra coisa — provavelmente ela estava me medindo, tentando adivinhar o quanto da pantomima teria que levar adiante antes que chegássemos, de fato, aos negócios.

Negócios que significariam a morte dela, claro.

Sim, notei o paradoxo — como ela e a senhora de meia idade poderiam ser a mesma pessoa, se a garota iria morrer ainda jovem, talvez naquela mesma noite? Bem, não sei. Ao menos, não exatamente. Mas já tive provas de que a morte só é definitiva sob circunstâncias muito especiais. Estou aqui falando com você, não estou?

Bem, ficamos lá por uns quarenta minutos, ela fingindo que estava interessada em dar pra mim, eu fingindo estar interessado no que ela poderia oferecer. Dois mentirosos. Marionetes.

Vítimas.

Que mais? Nada. Viemos até este mesmo apartamento; eu a torturei até que ela me dissesse onde guardava a *caixa*.

Tudo parte da pantomima, claro. Ela iria falar de qualquer jeito; mas eu esperava, estava convencido de que uma verdadeira amazona da *Orden* só poderia ser induzida a trair segredos da Irmandade sob tortura. Então Luciana encenou um pouco de resistência, imagino que só para me agradar. Ambos não passávamos de marionetes, mas então só ela sabia disso.

Mas, onde eu estava?

Ah. Sim.

Estrangulei-a.

IX.

Já falei sobre a caixa? Não há muito o que dizer e, ao mesmo tempo, há tudo o que dizer. Se estiver interessado, mais tarde você vai poder encontrá-la por aí.

O *Libro de la Orden* fala das caixas. Cada irmão, cavaleiro ou amazona, tem uma. É com elas que executam suas missões, que mantêm a história fluindo em seu leito. As caixas são veículos, são armas. São a chave do poder absoluto e, embora cada uma delas pese menos que um quilo, representam uma carga às vezes insuportável. Seu uso inspira uma alegria desconcertante ao mesmo tempo em que marca fundo na carne, como ferro em brasa.

Isso é o que o livro diz. Numa tradução livre, acho. É difícil lembrar de tudo.

E, naquele momento, eu tinha uma em meu poder.

O *Libro* ensinava a operá-la. Não era difícil; bastava escolher uma data e horário, dentro do calendário gregoriano. O que me apresentava um novo problema: em que dia e hora a vida havia começado na Terra? Alguns fundamentalistas cristãos falam em algo como 25 de novembro de 4000 a.C., às três e vinte da tarde, mas essa dificilmente seria uma estimativa confiável. Os fósseis mais antigos já encontrados são de 3,8 bilhões de anos atrás; mas a crosta da Terra já estava formada há 4,3 bilhões de anos. Em algum instante, entre uma época e outra, a vida surgiu.

Quando? No momento em que eu decidisse chegar.

Escolhi o dia de meu aniversário, no ano 4.249.666.713 antes de Cristo. E inici-ei a viagem.

X.

É óbvio que eu esperava morrer poucos minutos depois de chegar lá. Sufocado pela atmosfera de gás carbônico e vapor d'água; talvez escorchado, reduzido a pústulas e pele seca pela luz calcinante do sol; dissolvido pelas águas cáusticas do grande Oceano Único. Minha missão era a da semente, da crisálida, que deixa de existir para gerar vida nova; como o Cristo na cruz, minha morte seria o preço a ser pago para que a Vida pudesse começar. E eu esperava um fim doloroso e solitário, porém rápido. Eu *contava* com isso.

Olhei em redor. O céu era vermelho, roxo, com nuvens negras e marrons; o mar emitia um brilho fantasmagórico, uma luz mineral, provavelmente emanada por lavas incandescentes.

Mal tive tempo de notar esses detalhes antes que meus pulmões parassem, pesados, sobrecarregados pelo gás irrespirável, denso, que compunha a atmosfera ao redor; antes que a água ácida me corresse a garganta.

Por um precioso instante, estive morto.

E depois...

Depois, eu *me lembrei*.

Estava numa jaula; era algum tipo de divisória de vidro, ou algum metal transparente. Ângulos todos errados, desproporcionais; conformação desconfortável — impossível ficar em pé, impossível sentar, impossível deitar. A textura, também: escorregadia demais para obter apoio firme, e ainda assim áspera o suficiente para haver atrito, e atrito doloroso.

E, do lado de fora, *coisas* — *seres* — me observando.

Só o que posso dizer é que *pareciam* estar vivos, e *pareciam* algum tipo de forma de vida inteligente... Que mais? Eles tinham *cinco* lados — você entende? *Cinco!*

— não apenas dois, não só direita e esquerda, mas...

E o mais estranho, o mais estranho de tudo, é que eu *me lembrava*. Como quem volta a uma casa onde viveu no início da vida, na primeira infância; como quem, de repente, se recorda da letra de uma música ouvida há muito anos.

A lembrança, ainda que incerta e fragmentada, foi como a nota grave que quebra o gelo e dá início à avalanche. No caso, uma verdadeira avalanche de *medo*.

Você sabe o que é isso? Medo? Você acha que está sentindo medo agora, sentado sozinho no escuro, no apartamento de uma mulher morta, ouvindo a confissão de um desconhecido que você, pobre imbecil, imagina seja um louco, um assassino? Ah! Você não sabe o que é ter medo.

Tudo o que você já pode ter lido ou visto ou ouvido ou *sentido* a respeito disso, do verdadeiro pânico, sobre seu impacto, sobre as sensações que causa... *Tudo...* — o coração que salta à garganta; o cabelo em pé nas próprias raízes; a visão que parece falhar, o frio que toma conta das pontas dos dedos, a terrível secura na garganta, a sensação do sangue que se esvai para não se sabe onde, o tremor convulsivo, a náusea, o suor gelado que brota na testa e hesita, suspenso, em gotas trêmulas — por um instante insuportável, tudo isso foi verdade para mim. Deus me ajude, tudo isso foi verdade *em* mim.

A caixa, no entanto, ainda estava comigo.

Usando-a, abri mão de meu sonho. Sem remorsos, pela primeira vez, fugi.

XI.

— **D**éjà vu. No longo prazo inevitável, imagino. Depois de passar pela mesma coisa tantas e tantas vezes... Acho que tenho que me considerar um homem de sorte por ter conseguido interceptar a sua fuga.

O homem que me dirigia essas palavras estava emoldurado por um céu resplandecente, branco, marcado aqui e ali por manchas negras de formato variado. Atrás desse homem — ele mesmo uma figura digna de nota, vestindo algo semelhante a um hábito monástico com o número “VIII” marcado no peito — vi um edifício. Pelo que eu me lembrava de ter visto em minhas próprias viagens e em fotografias, poderia ser a Basílica de São Pedro. Mas a cúpula estava semidestruída.

Os únicos sons no lugar eram a voz do homem, e o de minha respiração. Não se ouvia mais nada: pássaros, o vento, folhas, nada. Nem mesmo passos à distância.

Eu estava caído no chão, e sentia uma dor aguda na espinha que, para todos os efeitos, me impedia de tentar qualquer esforço maior do que balbuciar algumas palavras — mesmo o ato de engolir saliva era, se não doloroso, no mínimo desconfortável.

— Tantas... vezes? — perguntei, mais por reflexo do que qualquer outra coisa.

— Ora! Não lhe parece óbvio? O senhor volta no tempo e fornece aos alienígenas da Raça Antiga a matéria-prima para que criem a vida na Terra, da forma como a conhecemos; a vida evolui, cria o senhor, que depois volta no tempo. O ciclo vem se repetindo, com pequena ajuda de minha humilde pessoa e de meus associados, em números redondos, há quatro bilhões de anos. A aparente natureza paradoxal do fenômeno obviamente não lhe escapa. Quanto a isso, só posso lhe garantir que, quando se observa o contínuo icosadimensional pelo lado de fora, tudo fica muito claro, realmente. Provavelmente houve algum tipo de saturação do ciclo, o que fez com que a

informação gerada pelas oportunidades anteriores fosse assimilada pela mente de seu ego atual, após o choque da viagem. O resultado, pelo que posso ver, foi pânico absoluto. Não posso culpá-lo; os métodos analíticos da Raça Antiga podem ser bastante desagradáveis. Não que eles sejam cruéis, de jeito nenhum; apenas desconhecem todas as implicações envolvidas na estimulação aleatória do sistema nervoso. Mas me esqueço de que o senhor só teve oportunidade de ler os fatos comezinhos que reuni especialmente no *Libro de las Reglas*; temo que essas noções estejam, portanto, um pouco fora de seu alcance.

— Onde... estou?

— Roma. Vaticano, para ser mais preciso. O “quando” talvez também lhe interesse: 12 de outubro de 1582. Esta é uma das poucas coordenadas do espaço-tempo em que o senhor pode continuar vivo, isto é, sem a ajuda de aparelhos especiais, como um gerador de estase ou a câmara de ressurreição onde a Raça Antiga o colocou, e de onde o senhor fugiu. Aliás, reparo que, ao mesmo tempo em que lhe devolveu a vida, a câmara lhe causou alguns problemas estruturais bastante graves; danos que, sem dúvida, a própria câmara tratava de mascarar, ao menos enquanto o senhor se mantinha dentro dela. Mais paradoxos, é o que parece. E aqui vai outro: o dia de hoje nunca existiu. Não em Roma: em 1582, o papa cancelou dez dias do mês de outubro, o doze incluído.

À agonia em minhas costas vinha se somar, agora, um latejar crescente, uma câibra nos braços e pernas, com certeza causada pela posição pouco natural em que meu corpo se encontrava. O sofrimento me fez revirar os olhos, e mais uma vez contemplei o céu branco, marcado por manchas que eram como estrelas e galáxias negras.

O homem com o hábito de monge — eu me vi pensando nele como o “VIII” — percebeu o novo rumo de meu olhar, e disse:

— Impressionante, não? O céu é assim, nestes trechos em que congelamos a Eternidade: a área branca abrange todos os pontos, visíveis da Terra, onde já houve ou por onde já passou uma estrela, ou um corpo que refletisse, em nossa direção, a luz de uma. Já as falhas negras são os lugares onde nunca existiu luz visível a olho nu. O efeito de negativo é deveras majestoso mas, como todo o resto, nós nos acos-

tumamos. Como a cúpula de São Pedro, ainda inacabada, e a cripta dos pais da Igreja, ainda aberta ali atrás. Já gostei muito de passear por esses lugares, mas atualmente...

— Morte.

— Perdão? Não creio ter entendido...

— Morte — eu disse. — Quero morrer. Sem... dor.

— Ah. Sim. É exatamente este o problema, não é mesmo?

Ele me contornou, de forma a olhar diretamente nos meus olhos — que eu não era mais capaz de desviar do céu branco de estrelas. A dor era tão intensa que eu não tinha mais como senti-la de qualquer outra forma que não a de uma força irresistível, uma gravidade esmagadora que mantinha meu corpo imóvel, paralisado numa posição tão grotesca quanto a de uma marionete descartada, jogada fora sem ter quem lhe manipulasse os fios.

— Porque — continuou o “VIII” — o senhor não pode morrer. Não aqui, porque é impossível morrer ou nascer nestas coordenadas, nem em nenhum outro lugar do contínuo espaçotempo normal, porque isso destruiria toda a história do Universo. A Raça Antiga tem que estudar o senhor, para que desse estudo surja a primeira célula da primeira alga dos mares da Terra. Entende? Meu dever, portanto, é devolvê-lo ao laboratório da Raça Antiga. E, desta vez, sem meios de fuga. Aliás, tomei a liberdade de privá-lo de sua caixa. Espero não ter causado nenhum incômodo ao fazê-lo.

Eu não conseguia mais falar. Mesmo assim, algo deve ter mudado na expressão de meu rosto, porque o “VIII” de repente me pareceu comovido.

— Por outro lado... Não há como negar que o senhor cumpriu muito bem seu papel, em todos os milhões de oportunidades anteriores. Para que a memória da Raça Antiga saturasse o contínuo dessa forma, o senhor deve ter realizado a viagem um número absolutamente incalculável de vezes. Talvez seja a hora de lhe dar um descanso, de sondar realidades alternativas...

Alguma esperança deve ter se filtrado em minha expressão, porque o “VIII” rapidamente desviou os olhos, antes de completar:

— ... e talvez seja a hora de dar à vida na Terra uma origem um pouco mais nobre. Senhor, seu histórico de crimes não o recomenda. Mesmo assim, estou propenso

a considerar sua punição completa. Isto é, se o senhor estiver disposto a assumir um pequeno compromisso.

XII.

Então ele me deu anestésicos que reduziram a dor a níveis quase toleráveis, e um aparelho que retardaria a degeneração de meu corpo, quando eu voltasse ao contínuo normal. Eu poderia me mover, ainda que de forma limitada; eu poderia falar. O aparelho retarda a passagem do tempo; dilata os segundos. Ou você não percebeu? Você entrou aqui há menos de dez minutos, e eu estou falando faz quase uma hora...

Ele me deu o anestésico, a máquina, e me trouxe para este mesmo apartamento, poucos segundos depois de eu ter partido em minha viagem rumo à pré-história. O corpo da mulher ainda estava aqui. O “VIII” me passou uma arma e me mandou atirar no cadáver — e simular um grito de mulher.

Na hora, não perguntei por quê.

Depois ele me disse para esperar aqui, sentado, e contar toda minha história para a primeira pessoa que entrasse no apartamento. Em seguida pôs a caixa que tirei de Luciana na mesa ali atrás — não sem antes deixar bem claro o que me aconteceria se eu tentasse fugir —, tirou uma outra caixa de dentro do hábito, pegou o corpo e sumiu.

Estou aqui desde então. A máquina faz um bom trabalho, esticando meus poucos, meus últimos segundos de vida ao máximo. Já o anestésico não é tão bom.

E agora você está aqui, e ouviu minha história. E talvez seja mesmo a hora de dar à “vida na Terra uma origem um pouco mais nobre”. Pôr algum altruísmo nas raízes, só pra variar.

Quer saber? Acho que vou desligar a porra da máquina.

Epílogo

O cheiro invade suas narinas e cai como ácido em seus pulmões, em seu estômago. Incapaz de se controlar, você vomita no chão da sala e agradece pelo gosto amargo de bile que se prende no céu da boca, bloqueando o odor da poça de fragmentos de osso e líquido amarelo que escorre do assento da poltrona à frente.

O fato de você conseguir ver a poltrona o surpreende. Um segundo atrás, o apartamento parecia totalmente impermeável à luz de qualquer natureza. Agora, raios luminosos passam livremente por entre as persianas.

De acordo com seu relógio, passaram-se menos de quinze minutos desde o instante em que você desceu do elevador.

Há outra fonte de luz no aposento, mais intensa que as janelas: é uma caixa prateada, posta bem ao centro do que talvez fosse a mesa de jantar do apartamento.

Você caminha até lá, e abre a caixa. Você sente seu coração batendo: não rápido, mas com força. Cada pulsação é um impacto no peito, na garganta.

Há uma data marcada dentro da caixa. Você agora escuta, dentro do ouvido, o redemoinhar do próprio sangue.

A data, na caixa, é de bilhões de anos atrás.

Então você respira fundo. Em seguida, toma uma decisão.

O Autor fala sobre a obra

Quando esta história foi publicada no *Somnium*, não chamou atenção nenhuma — o que eu, pessoalmente, acho uma injustiça, já que tenho um certo carinho pessoal pela história (eu diria que há diversos contos meus que são ou foram ignorados com muito mais razão...).

Quanto à história por trás da história do conto — este nasceu de uma confluência de fatores. Vou enumerá-los, mas me parece que alguns (os dois últimos) funcionam como *spoilers*. **Considerem-se avisados!**

Lá vão:

Primeiro, eu havia acabado de me mudar para um prédio de apartamentos, e a forma como os sons viajavam pelo fosso do elevador me fascinou;

Segundo, há anos, no início da adolescência, eu havia lido uma história em quadrinhos (do Super-Homem!) cujo enredo girava em torno da idéia de que os dejetos biológicos deixados por naves alienígenas orgânicas teriam semeado a vida na Terra. Isso me pôs a pensar em linhas, digamos, colaterais...

Terceiro, e último, o projeto Intempol, que me pôs a pensar sobre viagens no tempo (tema que nunca me havia interessado muito, antes) e que aparece na história por vias transversas (bolas, o VIII de Aragón seria quem, afinal? ;-))

Carlos Orsi Martinho, Junho de 2002